

Autoria e Pensamento: Ainda a Propósito da Obra de Carlos Amaral Dias¹

Clara Pracana

A intervenção dos psicanalistas portugueses nas questões do quotidiano, cultura, política e cidadania tem sido muito reduzida. Ao contrário do que se passa noutros países, como em França. Porque será que entre nós raramente há uma palavra psicanalítica a proferir sobre os assuntos que constituem a realidade externa?

Há exceções a esta regra e Carlos Amaral Dias tem sido uma delas. Inúmeros textos seus comprovam a sua preocupação em intervir no quotidiano como cidadão e como psicanalista. Um desses textos, reunido no livro *Falas Públicas do Inconsciente* (2000), remete para o cinema e para o filme de Rainer Fassbinder, *Lili Marleen*. Inspirado na história de Lale Andersen, o filme passa-se na Segunda Guerra Mundial. A sua banda sonora utiliza uma canção bem conhecida, com o mesmo título, e que foi especialmente divulgada por Marlene Dietrich. Facto curioso e assinalável é o da canção ter sido escrita em 1915 (*Das Mädchen unter der Laterne*) e se ter tornado imensamente popular durante a Segunda Guerra, com as tropas de ambos os lados do conflito, aliadas e alemães/pró-alemães, a pedirem insistentemente a sua transmissão nas rádios.

O filme de Fassbinder é um filme sobre o amor e sobre a morte. Na Suíça alemã, a cantora alemã Willie apaixonou-se pelo compositor judeu Robert que se juntou à Resistência. A família de Robert pensa,

¹ Adaptação da comunicação apresentada em Coimbra em 3 de Outubro de 2008 no Simpósio 'Carlos Amaral Dias e o Nexus Psicanalítico'.

no entanto, que Willie também é nazi. Em dado momento Willie ajuda Robert, mas tem de permanecer na Alemanha. Quando começa a cantar a canção Lili Marleen, Willie torna-se famosa e os soldados ouvem-na todos os dias na rádio, às oito da manhã. Até Hitler quer conhecê-la. Ela, no entanto, não esquece Robert e colabora no envio de fotografias dos campos de concentração para o exterior. Quando Robert a vai visitar, é preso.

Trata-se de um amor idealizado, como sublinha Amaral Dias, com negação da agressividade e da ambivalência:

A obra filmada, aliás, com rara maestria e beleza, gira pois, toda ela, à volta do amor entre Robert e Willie, e da canção Lili Marleen. Esta é essencialmente a glosa de um amor que vence a morte, que não abre brechas. O amor como equivalente de vida que continua para além da guerra [...]. De um lado e doutro, inimigos ouvem a mesma voz [...].

Lili Marleen é, pois, o que está na cabeça de todos os amantes e de todos os poetas, ou seja, para usar a frase de um grande poeta, 'um amor mais forte que a morte'.

[...] Consubstancia assim a paródia da renegação: mata-se, morre-se, mas o objecto da ilusão continua perpétuo e perpetuando-se nessa imagem genial da mulher esperando debaixo do candeeiro [...]. Perpetua assim um amor que não se reconhece no seu outro lado, na ambivalência e no ódio (Dias 2000a:139-140).

Trata-se, pois, de um amor idealizado pré-genital, no sentido em que é o temor à perda da protecção infantil que predomina, é o aspecto endogâmico da relação que prevalece:

[O filme] mostra-nos como é fácil aos homens morrerem e amarem na clivagem dos afectos e no teatro da pré-genitalidade. Dois heróis capazes do quase impossível, são afinal duas crianças incapazes de lutar contra os seus fantasmas edipianos infantis, isto é, incapazes da ambivalência possível na relação, da integração da violência em relação às figuras do passado, em relação ao próprio amor (Dias 2000a: 42).

Não se pense, portanto, pintando de cor de rosa a realidade, que o amor transcende a morte. Esse é o mito do romantismo, cujo processo marcadamente idealizado nos contamina nos seus aspectos infantis e

pré-genitais e é origem de muitas e perniciosas ilusões. Quem teve a sorte de ir a Verona, uma cidade lindíssima, e onde Shakespeare colocou *Romeu e Julieta*, apercebeu-se certamente do culto da figura de Julieta, que nunca existiu, e da abundância de bilhetinhos a ela dirigidos e que estão nas paredes da sua suposta casa em Verona.

Não percamos de vista que a realidade é outra, e bem dura. E contra a dureza da realidade, da destruição e do ódio, como nos ensina Freud, a razão, o *logos*, é a nossa única esperança para o futuro. É preciso que ela estabeleça, como escreve Freud na Conferência XXV, uma ‘ditadura’ – é assim que ele diz – na vida mental do homem, para que seja possível estabelecer alguma forma de convivência nas sociedades humanas (Freud 1991, Standard Edition SE 22:171)

Eros e Tanatos, o amor e a morte, dançam a sua dança, como Freud descreveu também. E a vida, a cultura e a ética do ser humano estão suspensas dessa dança. Enquanto respirarmos.

Carlos Amaral Dias, crítico de cinema e da vida, de cuja obra citei um excerto, é também autor de muitos outros livros e publicações, algumas de cariz marcadamente técnico, mas em que nunca deixa de pensar psicanaliticamente o seu tempo – ou seja, o nosso tempo.

Nesta parte do Simpósio que se intitula ‘A obra e suas Autorizações. Autoria e Autoridade para pensar’, gostaria de reflectir um pouco sobre estes termos e o seu significado.

O que é que confere a uma pessoa a qualidade de autor e a autoridade para pensar?

O que é ser um autor?

Autor vem do latim *auctor*, ligado ao verbo *augere*, fazer crer, fazer avançar, instigar. Confunde-se com *actor*, aquele que age.

Autorizar, no sentido de confirmar, sancionar, vem também de *auctor*. Tal como autoridade, de *auctoritas*, garantia da coisa escrita, influência, crédito.

Ou seja, o autor autoriza-se e autoriza os outros, não no sentido de transferir responsabilidades, mas de fazer avançar, criando, pensando e agindo. Permitindo, facilitando o pensamento dos outros.

O autor, o *auctor*, pensa e faz-nos pensar. Autoriza-se a pensar e autoriza-nos (instiga-nos) a pensar.

E, já agora, uma pergunta: o que é pensar?

E pensar *psicanaliticamente*, o que é?

Pensamos quando associamos ideias e as pesamos (em latim pensar era pesar). Pensamos quando criamos conceitos. Pensamos quanto aprendemos com as emoções, como Bion abundantemente nos refere

(aprendizagem emocional). Pensamos quando sonhamos, até (pensamento onírico). E protopensamentos que poderão ou não transformar-se em pensamentos. Pensamos antes de agir (às vezes). É a passagem da percepção à acção. O pensamento adia a acção, como escreve Freud em *A Negação* (1925, SE 19). Pensar é ser capaz de usar a função simbólica e a linguagem a nível dos códigos. E nós, psicanalistas e psicoterapeutas psicanalíticos, temos de ser capazes de entender a relação entre o vivido e a linguagem. Porque, como diz Freud, o que se passa numa sessão de análise é um pedaço de vida.

Pensar não é, portanto, um exercício estéril de intelectuais. É um modo de existir. *Cogito ergo sum*, já dizia Descartes, e com muita razão.

Wilfred Bion dizia que para pensarmos precisávamos de pensamentos e de um aparelho de pensar esses pensamentos. Para pensar os pensamentos, e não vice-versa. Pensar é transformar o não-objecto em representação. Ou, como ele escreve no livro *Second Thoughts* (1993) ‘o pensamento é um desenvolvimento da psique forçado pela pressão dos pensamentos’.

Andam por aí pensamentos à solta. Então, porque é que nós não pensamos mais?

Porque para pensar é preciso uma outra condição: tolerância à frustração, sem a qual os protopensamentos são evacuados como elementos beta. É preciso um continente para a dor mental. Como escreve Amaral Dias, no 1º Volume de *Freud para Além de Freud* (2000b: 211): ‘a intolerância à dor psíquica é aquilo que ataca a capacidade de insight’.

É a frustração que produz pensamentos dignos desse nome, diz-nos Bion inúmeras vezes. Receio bem que não o ouçamos devidamente. É verdade que os tempos não são favoráveis: a cultura de facilitismo instalada exige-nos, pelo contrário, satisfação imediata dos nossos desejos. Somos arrastados pela fantasia onnipotente de que nos podemos livrar sumariamente do que nos é desagradável ou doloroso.

Tenho pensado, muitas vezes, como chegámos aqui, neste dealbar do século XXI. George Steiner, no seu livro *Nostalgia do Absoluto* (2003a), avança com a tese de que a erosão das ideologias religiosas e a perda de poder da igreja, nos últimos séculos, acompanhadas pela invasão progressiva de orientalismos vários que nos prometem o nirvana, perpetuam e sancionam uma espécie de infantilidade onnipotente e escapista nas sociedades humanas. Diz ele que parece que há, à escala mundial, três vezes mais pessoas a dedicarem-se à astrologia e actividades afins do que à física teórica!

A irracionalidade tornada poder parece ter voltado em força, três sé-

culos depois da evolução científico-tecnológica que mudou o ocidente. Agora disfarçada de roupagens pretensamente orientalistas ou primitivo-filosóficas, para melhor seduzir os que desesperadamente procuram uma solução para as suas angústias e já desesperaram das soluções tradicionais baseadas na religião dos seus avós ou na ciência.

De certo modo, parece que voltámos aos tempos pré-socráticos, como aliás subinha Steiner (*As Lições dos Mestres*, 2003b: 181). Estaremos diante de um retrocesso da cultura, da civilização, daquilo a que Freud chama *Kultur*?

É verdade que Freud nos preveniu disso, e do pacto que a cultura pode fazer com a barbárie. Numa das suas conferências, pronunciada em 1933, ele discorre longamente sobre o que ele chama a *Weltanschauung*, a mundovisão, ou seja, uma construção que resolva *todos* os problemas da nossa existência. A questão-chave está na palavra *todos*. Uma *Weltanschauung* é, por definição, totalitária, e de totalitarismos já estivemos bem servidos no século XX. Isto digo eu, agora. Mas a verdade é que Freud já em 1926, em *Inibição, Sintoma e Angústia* (SE 20: 96), se tinha pronunciado contra as mundovisões: ‘Devo confessar que não sou nada favorável à construção de mundovisões [Weltanschauungen]’. A psicanálise, diz ele, não pode nem deve formular uma *Weltanschauung*. Quando muito, pode aderir a uma visão do mundo científica (Conferência XXXV, SE 22: 181).

Também Amaral Dias se debruça sobre a questão do pensamento único. Em *Modelos de Interpretação Psicanalítica* escreve o seguinte:

Para mim, nunca existe uma só forma de pensar. Por muito que tenhamos adquirido a nossa capacidade de pensar, nós continuamos a pensar dentro de nós e dentro dos outros e penso que isto é uma actividade permanente do nosso pensamento (Dias 2003: 46).

Porque pensar é também fazer perguntas. Ter capacidade de assombro. Como escreve o mesmo autor, em *Falas Públicas do inconsciente*, a capacidade de assombro é

a base primeira da interrogação humana sobre a natureza e sobre si mesmo. [...] Esta capacidade de assombro que se encontra em formidável performance na criança, vai-a progressivamente perdendo o ser humano como se a maturidade e espanto se tornassem à vezes quase inconciliáveis; mas sem esse dom para o

assombro é bem possível que vários artistas não tivessem existido, ou que génios do noso tempo não tivessem podido conceber as fórmulas para entendimento do que nos rodeia (Dias 2000a: 234).

George Steiner, no livro atrás indicado, *Nostalgia do absoluto*, escreve:

Continuaremos sem parar a fazer perguntas. O filósofo alemão Heidegger exprime bem este fenómeno. Diz que as perguntas são a oração do pensamento humano. Nós, os ocidentais, somos um animal feito para fazer perguntas e tentar obter respostas sem olhar ao custo [...]somos um mamífero cruel, feito para avançar, ultrapassar e destruir obstáculos. Na realidade, o obstáculo atrai-nos magneticamente (Steiner 2003a: 80).

Mas eu gostaria também de ir buscar um outro *auctor*, um outro especialista de perguntas. No caso, um poeta, um dos maiores: Rilke. No seu livro, *Cartas a um Jovem Poeta*, que reúne dez cartas de Rilke a um jovem poeta que lhe pede conselhos, escreve:

Pois para um criador não há pobreza e nenhum lugar é indiferente e pobre. E mesmo que estivesse numa prisão, cujas paredes separassem os ruídos do mundo dos seus sentidos, teria ainda e sempre a sua infância, essa riqueza preciosa e imperial, a câmara do tesouro da lembrança. Dirija a ela a sua atenção. Tente levantar as sensações submersas desse passado longínquo; a sua personalidade fortalecer-se-á, a sua solidão estender-se-á até se tornar uma casa à luz do cair da tarde ou do amanhecer, por onde o ruído dos outros passa à distância (Rilke 2008: 13-14)

E, mais adiante:

V. é tão jovem ainda, está diante de todos os inícios, e por isso gostaria de lhe pedir [...] que tenha paciência quanto a tudo que está ainda por resolver no seu coração e que tente amar *as suas próprias perguntas* como se fossem salas fechadas ou livros escritos numa língua muito diferente das que conhecemos. Não procure agora respostas que não lhe podem ser dadas porque ainda não as pode viver. E tudo tem de ser vivido. *Viva* agora as

perguntas. Aos poucos, sem o notar, talvez dê por si um dia, num futuro distante, a viver dentro da resposta (idem: 34-35; itálicos no original).

Vimos o que era pensar. E pensar *psicanaliticamente*? Pensar psicanaliticamente o mundo, a sociedade, a política, a educação, a cultura, a história, o cinema, a filosofia, o quotidiano?

O filósofo Wittgenstein, um céptico da psicanálise por uma questão ética (ele achava que a psicanálise era demasiado sedutora, dificultando portanto a crítica), era um admirador convicto de Freud (um dos autores que vale a pena ler, dizia ele) e da sua perspicácia.

Dizia Wittgenstein que Freud tinha qualquer coisa a dizer, o que, da boca de Wittgenstein, é um elogio tremendo. Wittgenstein debruçou-se muito em especial sobre os sonhos e sua linguagem e as teorias que Freud desenvolveu sobre a questão. Escreveu Wittgenstein sobre o sonho e a sua interpretação, que uma vez interpretado: 'Num certo sentido aquele que sonha torna a sonhar o seu sonho num meio tal que o sonho muda de aspecto' (Wittgenstein 1992: 95).

Como se constata, o pensamento psicanalítico tem vindo a atravessar o pensamento dos mais diversos autores, até do filósofo Wittgenstein.

Ser psicanalista, ou psicoterapeuta psicanalítico, não é uma profissão, é um modo de estar. Não é uma postura, é um modo de ser. É uma identidade. Como escreve Amaral Dias:

A presença da psicanálise na cultura é essencial. Considero fundamental que os psicanalistas se pronunciem sobre o mundo em que vivem. Freud não se confinava ao seu gabinete, ele tinha uma atitude perante a realidade muito activa; ele escrevia, publicava e dizia, a partir da psicanálise, muitas coisas importantes sobre a realidade. Não sei se a chamada crise da psicanálise [...] não resulta também deste nosso silêncio sobre a falha da modernidade, na medida em que não somos capazes de estar presentes na cultura. [...] a falha da modernidade é uma questão em aberto para os psicanalistas (Amaral Dias 2005: 151-152).

Existe um outro texto do mesmo autor essencial para se perceber a função do cidadão-analista, ou terapeuta na sociedade, intitulado *Metrópoles na Pós-modernidade*, em que ele escreve o seguinte:

Nos dias de hoje, em que a posição depressiva (ou seja, psicanaliticamente integrativa) do moderno fundado na transformação industrial cede o passo à atomização esquizo-paranóide (psicanaliticamente dispersiva), a atomização dos grupos parece impôr uma ordem do silêncio. [...]

[É] justamente esta pauperização do simbólico e da sua ordem que importa discutir [...]. [Só] a razão crítica, o retornos dos intelectuais à cena pública pode dar corpo [à questão da modernidade] (Dias 2004a: 36, 37 e 42).

Mas voltemos à questão do pensar. Aliás, nunca saímos dela, porque é essa a nossa condição de seres humanos – de seres pensantes. E, para isso, é muito importante como o papel funciona, o tal aparelho de pensar os pensamentos, como diz Bion. O livro de Carlos Amaral Dias sobre as organizações borderline é essencial para percebermos este mecanismo (Dias 2004b). O que ele faz, é partir de uma organização, ou mesmo de uma patologia, que muitas vezes apresenta um perturbação do processo de pensamento e desmontar em que consiste o pensar. Ser capaz de pensar é ser capaz de um processo simbólico. Ser capaz da criação de símbolos e de articulação de símbolos entre si. Símbolos que contêm um significado. O psicótico não é capaz de o fazer – o psicótico vive uma outra realidade, na psicose há ausência de inscrição. Não é capaz de produzir pensamento a partir da realidade. O neurótico tem acesso ao processo simbólico – fá-lo, deslocando ou condensando – deformando. É essa capacidade de deformação – *Entstelung* – que permite a transformação e o pensamento. Eis algo a que o psicótico dificilmente tem acesso e que o borderline tem perturbado. Daí a diferença que Amaral Dias advoga na clínica: uma técnica diferente, se estamos com um psicótico. Neste caso, e num primeiro tempo, temos de ter uma função contentora, pensando por ele e permitindo-lhe, assim, ir construindo um esboço de um aparelho de pensar os pensamentos.

Para terminar, relembro as palavras de Freud: nada na fantasia pode ser tão gratificante como a realidade. E da nossa realidade, felizmente, fazem também parte os pensamentos dos outros e as suas criações. Outros autores e pensadores que nos poderão servir de estímulo para, também nós, criarmos. Seremos também *auctores*. E actores.

Palavras-chave: autor, pensamento, cultura, psicanálise, modernidade.

Key-words: author, thinking, culture, psychoanalysis, modernity.

REFERÊNCIAS

- Bion, W. R.
1993 *Second Thoughts: Selected Papers on Psychoanalysis*. London: Karnac.
- Dias, C. Amaral
2000a *Falas Públicas do Inconsciente*. Coimbra: Quarteto.
2000b *Freud Para Além de Freud* (Vol. 1). Lisboa: Fim de Século.
2003 *Modelos de Interpretação em Psicanálise*. Lisboa: Almedina.
2004a *Metrópoles na Pós-Modernidade*. Lisboa: Edições Colibri.
2004b *Costurando as Linhas da Psicopatologia Borderline (Estados-Limite)*. Lisboa: Climepsi.
2005 *Freud Para Além de Freud* (Vol. 2). Lisboa: Climepsi.
- Freud, S.
2001 *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud*. Edição e Tradução de J. Strachey (Ed. (24 vols). London: Hogarth Press (obra original publicada entre 1886 e 1939).
- Rilke, R. M.
2008 *Cartas a um Jovem Poeta*. Lisboa: Edições Quasi.
- Steiner, G.
2003a *Nostalgia do Absoluto*. Lisboa: Relógio d'Água.
2003b *As Lições dos Mestres*. Lisboa: Gradiva.
- Wittgenstein, L.
1992 *Leçons et Conversations*. Paris: Gallimard.

Autoria e Pensamento: Ainda a Propósito da Obra de Carlos Amaral Dias

Authorship and Thought: Still Apropos of the Work of Carlos Amaral Dias

Sumário

Summary

O que é pensar? O que é pensar psicanaliticamente? Autoria e pensamento levantam questões relacionadas não só acerca do que é pensar, e o processo de pensamento, mas também sobre a forma como vivemos o mundo e o que nele se passa. A intervenção dos psicanalistas, dos psicoterapeutas psicanalíticos e da psicanálise na cultura, de que foi exemplo Freud, é pouco usual no meio. No entanto, um autor é *auctor* (lat. *augere*) e actor, ou seja, pensador e criador.

What is thinking? What is psychoanalytic thinking? Authorship and thinking raise questions not only connected with what thinking is, and the process of thinking, but also with the way we live the world and our time. The interventions of the psychoanalysts, psychoanalytic therapists and psychoanalysis in the culture at large (Freud' example being a case in point) is rather unusual in the milieu. However, an author is an *auctor* (lat. *augere*) and an actor, that is, a thinker and a creator.